

DA NARRAÇÃO À CRIAÇÃO DE IMAGENS: A ARTETERAPIA ORIENTANDO HISTÓRIAS

Lucy Baptista

Mestranda em Letras no Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) - Porto Alegre - RS

Maria Alzira Leite

Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras no Centro Universitário Ritter dos Reis – (UniRitter) - Porto Alegre - RS

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar os procedimentos narrativos imbricados no processo de ressignificação da imagem de si a partir da investigação da linguagem verbal e não verbal e de índices de memória cristalizados na construção de uma narrativa autobiográfica, com o intuito de revelar a importância da arte no processo da escrita e no desenvolvimento da capacidade criadora de sua autora. Para tanto, tem-se como base teórica os estudos de Walter Benjamin (2013) a respeito dos mitos da linguagem e da fotografia; Pareyson (1997), que trata da produção artística e da estética; Halbwachs (2006) e o estudo das memórias e Jean Bolen (1990), que busca explicar o ponto de vista simbólico das deusas gregas e o arquétipo feminino no contexto de uma narrativa de vida. A abordagem metodológica utilizada é de cunho interpretativista (MOITA LOPES, 1994), a qual permite uma aproximação mais interativa com o contexto da obra e com o significado singular das ideias e expressões constitutivas da identidade da autora. Como resultados do estudo, a análise revela que o percurso autobiográfico e narrativo possui uma natureza carregada de significados e com características próprias, que pode incluir imagens ilustrativas, fotografias, desenhos, colagem e escrita. A relação entre a arte e a materialidade da linguagem como forma de compor uma produção permite com que a expressão artística realce o aspecto criativo, a singularidade e a subjetividade da história. E, nesse sentido, é o desenvolvimento artístico, caracterizando uma maneira particular de dar sentido às experiências pessoais, que amplia a sensibilidade, a reflexão e a imaginação, intensificando as relações da autora da obra consigo mesma, com os outros e com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Narrativa; Produção Simbólica.

ABSTRACT: This article aims to expose the analysis and importance of art in the writing process, to develop the creative capacity in the production of an autobiographical narrative. The relation between art and the materiality of language as a way of composing a production allows artistic expression to emphasize the creative aspect, the singularity and the subjectivity of history. They are possibilities of meanings, opening for greater communication through image and writing as a symbolic expression in the creation process. This expansion of details and information contributes to the analysis and reflection in the sense of problematizing the author's experience, through memory, intention, experience and the critical view of lived by writing and images. For that, the following theoretical contributions were adopted: Walter Benjamin (2013) Pareyson, (1997); Halbwachs (2006) and Jean Bolen (1990). The autobiographical and narrative course has a nature, full of meanings and its own characteristics with illustrative images, photography, drawing, collage and writing. It is the artistic development, characterizing a particular way of giving meaning to personal experiences that amplifies the sensibility, the reflection and imagination, intensifying the author's relations with himself, with others and with the world.

KEYWORDS: Art. Narrative. Symbolic production.

INTRODUÇÃO

Este artigo compõe uma pesquisa maior de dissertação, em andamento, intitulado como "DAS MEMÓRIAS ÀS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS: EFEITOS DA ARTETERAPIA NA CONFECÇÃO DE UM LIVRO". Assim, para este estudo, pretende-se estabelecer uma análise da relação entre a arte e a materialidade da linguagem, imbricadas no processo de construção de uma narrativa autobiográfica, produzida como trabalho final para uma disciplina no curso de Arteterapia.

É importante salientar que a Arteterapia é o uso da arte como terapia. Na verdade, consiste na criação de um material, sem nenhuma preocupação estética para que o escrevente tenha oportunidade de expressar seus sentimentos. Pode-se dizer que é a arte abrindo um espaço para uma atividade regeneradora; canal de processo criativo para o autoconhecimento. A linguagem, permeada na Arteterapia, emerge como um processo comunicativo pelo qual o sujeito interage socialmente, dando forma às suas experiências. Dessa forma, a linguagem não só possibilita a representação e a regulação do pensamento e da ação do sujeito, como também, comunica ideias, pensamentos, intenções de diversas naturezas.

Os olhares para as imagens, neste estudo, contribuem para a ampliação de detalhes e informações que se intensificam no relato da experiência, vivenciada por uma autora, no momento em narrou e delineou a sua história por meio da arte. Destaca-se que a experiência de produzir o próprio livro é ativada por meio da memória, atravessada pela visão crítica do vivido e representada pelo entrelaçamento entre escrita e imagem.

Com relação à obra analisada, neste artigo, é necessário esclarecer que se teve conhecimento a seu respeito por estar em exposição em uma instituição de pós-graduação situada na região de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Desde os primeiros contatos com o livro, teve-se clareza de que seria interessante a realização de uma leitura interpretativa do texto e das ilustrações que o compunham, devido à ampliação da representação da expressão simbólica, reelaborada por meio dessa inter-relação no processo de criação.

De posse da obra, a etapa delineada na sequência, foi a de examinar os procedimentos sobrepostos no processo de ressignificação da narrativa de si, na tentativa de compreender o que gira em torno da imagem e do texto que a ela corresponde. Para tanto, extratos do texto e das imagens foram extraídos do *corpus* para compor o objeto desta investigação. Esses extratos compõem a seção de análise e são trabalhados teoricamente, a partir de gestos de interpretação da narrativa, por meio da inter-relação costurada com base nos teóricos que fundamentam o

estudo, cuja proposta compreende o reconhecimento e a reflexão do sujeito sobre si mesmo e sobre como se reconhece enquanto pessoa.

Consideram-se, portanto, as possibilidades de sentido que fazem parte da obra e a ideia do movimento produzido nessa construção, que busca unir imagem e texto. Dessa forma, é possível compreender o significado simbólico e a organização lógica da construção do texto e do contexto da narrativa. As imagens produzidas representam outra linguagem, além da textual, o que permite novas leituras e olhares sobre a história que se lê. A forma como acontecem os fatos em sua vida faz com que a autora perceba o seu percurso na narrativa e uma compreensão implícita. A partir do que ela relata é possível sinalizar traços da performance linguística da autora e o sentido que pôs na tarefa da sua criação. Para ajudar na tarefa de pensar consideraremos a transformação dos sentidos por ela construídos e o que foi preciso buscar para referenciá-los. Desse modo, podemos considerar a narrativa posta aqui, como objeto privilegiado de análise para entender o sentimento de quem narra. Processo complexo e subjetivo capaz de revelar aspectos identitários e culturais que constituem os sujeitos. Diante desse cenário, o objetivo maior é de compreender e analisar os procedimentos narrativos imbricados no processo de ressignificação da imagem de si, por meio da investigação da linguagem verbal e não verbal e dos índices de memória cristalizados nessa narrativa.

Para tanto, tem-se como base teórica os estudos de Walter Benjamin (2013), que contribui com os escritos sobre os mitos da linguagem e da fotografia; Pareyson, (1997) que apresenta uma abordagem a respeito da produção artística e da estética; HALBWACHS (2006), que trata das memórias e Jean Bolen (1990), que busca explicar o ponto de vista simbólico das deusas gregas e o arquétipo feminino no contexto de uma narrativa de vida. Para fins de análise dos dados, foi utilizada uma abordagem metodológica de cunho interpretativista (MOITA LOPES, 1994), a qual permite uma aproximação mais interativa com o contexto da obra e com o significado singular das ideias e expressões constitutivas da identidade da autora.

Como justificativa do estudo, parte-se da experiência da pesquisadora, na área da educação nos cursos de psicopedagogia. A vivência nessa área abre espaço para se pensar na importância de um estudo envolvendo uma análise de construção da narrativa autobiográfica que possibilite compreender o espaço de expressão da autora e da sua vivência ao utilizar, como recurso, a linguagem da arte e a criatividade para revelar uma imagem de si.

Este artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução e das considerações finais e referências do estudo. Na próxima seção faz-se um apanhado teórico a respeito da experiência e reflexão da arte, com Pareyson; a interpretação e o que a imagem nos faz pensar

pela fotografia com Benjamin; o modo como a memória afeta a narração de uma história com Halbwachs; a forma de perceber e o modo como a autora trabalha a criatividade, a singularidade e a originalidade da sua produção a partir do mito pessoal com Jean Bolen. Por fim, tem-se a análise dos dados e discussão dos resultados.

CONSTRUÇÃO CONJUNTA: relação com a teoria

Buscando tornar a leitura mais fecunda, optamos por compor a narrativa com imagens visuais, produzidas pela a autora do livro que se interpenetram pela a escrita, trazendo outras possibilidades de entendimento para o que é analisado. As imagens escolhidas não têm apenas caráter ilustrativo, pois nos trazem fragmentos do que foi vivido pela autora, alcançando assim percepções diversas da sua própria experiência autobiográfica.

Portanto, no intento de explorar a narrativa dessa obra e fazer a análise de alguns fragmentos, trazemos como referencial teórico, Pareyson, que é um filósofo da arte e que tem como fio condutor a experiência em consonância com a ideia de inseparabilidade da experiência e reflexão do que se cria. Sua ideia está sempre aberta a novos aportes para desenvolver assuntos específicos da arte e sua intencionalidade. Pareyson revela que: “Nenhuma atividade é para exercer uma função somente e sim também para formar. Existe um fazer que acompanha a historicidade do sujeito e por esse motivo tem um papel importante nessa construção”. PAREYSON, (1997, p.36).

A cada expressão inserida através da arte, vamos conseguindo ver que o autor tem condições de se dedicar ao momento específico e ao mesmo tempo construir sua experiência com significação. Pareyson tem um jeito de expor algumas circunstâncias considerando a história e o momento estético e artístico da experiência do sujeito produzida.

É a expressividade da arte dando um sentido mais particular. É um texto compreendido, entrelaçado com as produções das imagens que a obra expressa quanto ao caráter específico daquilo que se fala. Nesse aspecto, a obra de arte exposta tem chances de exprimir a personalidade do autor, no sentido do que se quer falar e interpretar.

Assim sendo, para desbravar e captar o sentido do entendimento da linguagem das imagens, precisaremos também considerar o contexto da análise das obras na parte da criação dos desenhos, colagens, pinturas para compreender o que estão comunicando. Benjamin (2013) afirma que em uma linguagem expressiva sempre se deve colocar metas além de nossas próprias competências, alastrando-se pelas outras linguagens e, por assim dizer, se deixando mesclar, contaminar, fazendo-as reagir uma na outra. Nessa linha, a narrativa dá ênfase para explicar a

ação, a sensibilidade e a interação da autora. Afinal, o ponto de vista do narrador será intermediado para que se possa reiterar vivências e ver de que forma consegue assumir uma posição para explicar um código que possa decodificar.

Dessa forma, observamos e compreendemos as circunstâncias e interpretamos o que ela quer revelar pela imagem para nos fazer pensar a fotografia, a partir do que Benjamin (2013) nos diz: “Existe um lugar onde a obra se encontra...” (p. 57). A reprodução de uma obra de arte não é mais considerada uma falsificação e sim uma reprodução técnica. Existe uma autonomia que equivale à da obra original, ou seja, a obra de arte retratada por meio técnico, “a fotografia”, nos fará ver que conseguimos acrescentar visões e ângulos que por vezes o original não permitirá. A leitura de uma imagem não tem um código como à leitura da palavra, mas sua proposta nos faz entender que as imagens possuem uma leitura única para o sujeito que as faz.

Assim, pela história e a partir dessa realidade, verifica-se que contar histórias tem a ver com a experiência de cada um. Halbwachs (2006) contribui para que possamos observar o modo como a memória afeta a narração de uma história. Nesse ponto, devemos pensar nos mecanismos que nos levam a selecioná-las como: valores, sentimentos e a forma como a autora associa suas ideias.

De um lado está a memória da história, e do outro os acontecimentos sociais do momento projetado pelo passado. Halbwachs (2006, p. 27) afirma que “a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças sejam constituídas no interior de um grupo específico”. O lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas faz propagar entendimentos sobre ideias que só existem embaralhadas no seu imaginário fazendo, assim, com que reconstrua caminhos. O amor, a saudade, a tristeza, a alegria, sentimento de pertença entre outros sentimentos são elementos que potencializam as recordações. Para a ativação da memória, os sentimentos passam a ser fundamentais.

Halbwachs ressalta que:

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele reciprocamente, o que só é possível se fizerem e continuarem a fazer parte de uma mesma situação. (HALBWACHS, 2006, p. 38)

O autor considera uma contradição o fato de a história somente começar a ser escrita quando a memória está se extinguindo. Para ele, a história que se guarda na memória é uma história vivida, cuja duração pode não ultrapassar os limites e o período de existência de uma

vida. Nesse sentido, o trabalho com mitos, símbolos e outras expressões podem facilitar também a tradução das imagens mentais da autora, possibilitando assim o acesso a diferentes tipos de personalidade feminina, que seja possível se reconhecer intuitivamente em si mesma. São registros para nos fazer perceber forma e figura, carga afetiva dos: fatos, coisas, ideias, emoções e vivências da autora.

Jean Bolen (1990) também contribui para nos fazer perceber “As deusas e a mulher”, fazendo com que tenhamos contato com a mitologia das mulheres. Dessa maneira, será possível refletir a percepção de que deusa me habita? Por que me toca? Que mito pessoal ativa? Jean Bolen (1990) recorre à metalinguagem¹ e expõe sua preocupação em auxiliar mulheres a seguirem seu caminho através da sabedoria, da consciência e do autoconhecimento, pois na construção da sua obra, diz que é preciso cada mulher se associar a uma das Deusas gregas para entender que Deusa a habita no momento presente e assim poder se diferenciar. Através dos mitos gregos é possível mostrar o que realmente é importante e para qual Deusa se faz uma evocação. Assim, a análise do conteúdo da obra oportunizará estar diante da forma como a autora consegue trabalhar a criatividade, a singularidade e a originalidade da sua produção.

SENTIDO DA NARRATIVA EM CONSONÂNCIA COM A ARTE: um exercício de análise

Através da arte, materializada na utilização de figuras, fotografias, colagens e desenhos, que se inter-relacionam com a escrita, a autora aborda aspectos referentes à sua vida. Assim, a narrativa é conduzida de forma mais aprofundada. Vamos aos poucos constatando que ao se comunicar, a autora não restringe sua ação criadora apenas ao texto e sim a uma construção de sentidos pelo desenho e pintura que ela mesma produz. Como professora de artes, ela se utiliza de imagens como discurso, intensificando a eficácia na produção de diferentes sentidos de seus registros. Vejamos, na figura 01, como a obra começa:

¹ Metalinguagem significa o uso da linguagem para se referir à própria linguagem ou a qualquer parte dela. É diferente da linguagem como objeto. Jean Bolen considera que cada uma das deusas traz um sentido que pode esterilizar ou não o sentido que se dá ao contexto. (BOLEN, 1990, p. 55).

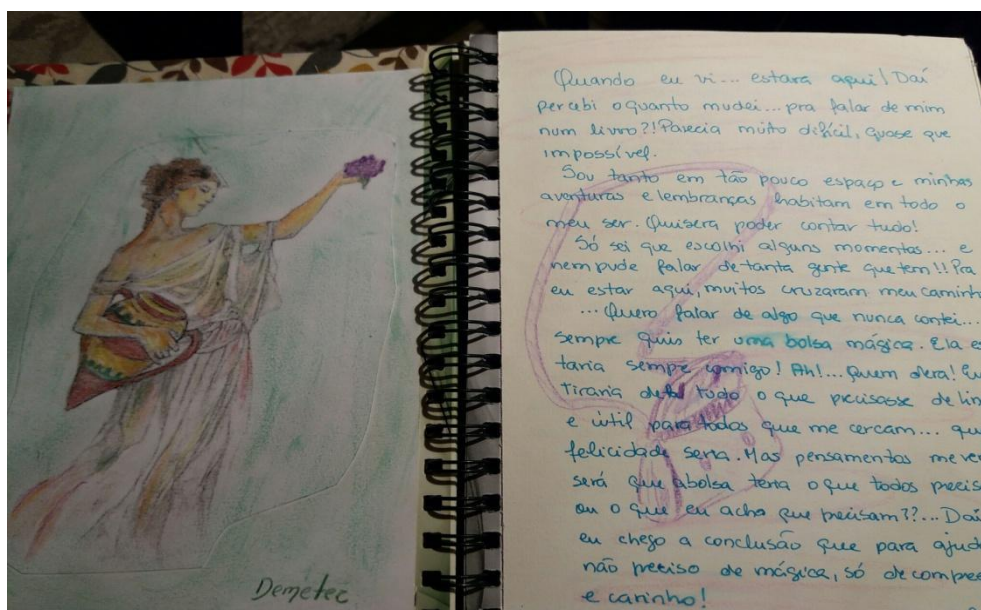


Figura 01 - “Bolsa Mágica”

Fonte: foto da página do livro produzido pela autora

No excerto 01 a seguir, tem-se a reprodução do texto apresentado na figura 01 :

Quando eu vi... Estava aqui! Daí percebi o quanto mudei... Para falar de mim num livro? Parecia muito difícil, quase que impossível. Sou tanto em tão pouco espaço e minhas aventuras e lembranças habitam em todo o meu ser. Quisera eu poder contar tudo! Só sei que escolhi alguns momentos... E nem pude falar de tanta gente que tem! Para eu estar aqui, muitos cruzaram meu caminho.... Quero falar de algo que nunca contei... Sempre quis ter uma bolsa mágica. Ela estaria sempre comigo! Quem dera! Eu Tiraria de lá tudo o que precisasse de lindo e útil para todos que me cercam... Que felicidade seria. Mas pensamentos me vem... Será que a bolsa teria o que todos precisam ou o que eu acho que precisam? Daí... Eu chego à conclusão que para ajudar não preciso de mágica, só de compreensão e carinho!

Excerto 01: Reprodução do texto que compõe a figura 01

Considerando que a escrita da narrativa está atravessada pelo que a autora pensa, é possível compreender o sentido e o significado do lugar do desejo dela. Nesse sentido, Benjamin (1997, p. 211) afirma que “os traços do narrador aparecem, como um rosto humano quando podemos entender que um corpo de um animal que está num lugar, está para um observador localizado a uma distância apropriada e num ângulo favorável”, ou seja, é preciso reconhecer o que cada narrativa traz por meio das suas memórias e verificar a distância mais apropriada para um ângulo que seja favorável à leitura que se quer ter. Quando autora diz “Daí percebi o quanto mudei... Para falar [...]”, dá a entender que quer rememorar e buscar fragmentos das suas representações simbólicas pelo ato criativo. Segundo Halbwachs, “O

funcionamento da memória individual não é possível sem os instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado pelo seu próprio ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72). Afinal, relatar experiências em um livro, incluindo suas vivências não é tarefa simples.

Logo em seguida, a autora fala da vontade de querer ter uma “bolsa mágica”, para que pudesse tirar de dentro dela tudo o que precisasse. Esse trecho estimula a imaginação do leitor, para sintonizar-se com as aspirações da autora. É o tempo fazendo com que o leitor veja os fatos reais cruzando-se numa aventura mais anímica. A autora permite que o leitor construa hipóteses a respeito da imagem do que seja essa bolsa e de também imaginar seu conteúdo. É um simbolismo que está implícito nesta narrativa.

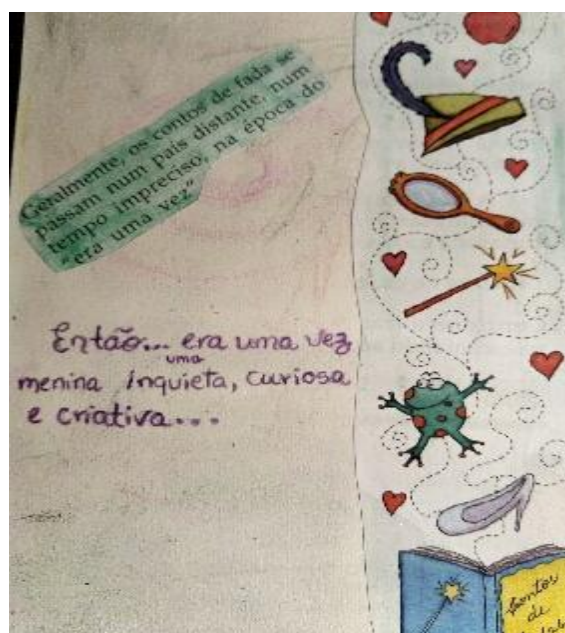


Figura 02 - “Época do era uma vez”

Fonte: foto da página do livro produzido pela autora.

No excerto 02 a seguir, tem-se a reprodução do texto apresentado na figura 02

Geralmente, Os Contos de Fadas se passam num país distante, num tempo impreciso, na época do "Era Uma Vez" então... Era uma vez uma menina inquieta, curiosa e criativa!

Excerto 02: Reprodução do texto que compõe a figura 02

A contextualização que se estabelece quando a autora pensa na temática da linguagem da infância faz com que sua memória rapidamente comece a dialogar com a época em que muito escutava: “Era uma vez” e “Isso fez com que estivesse voltada para a menina inquieta, curiosa

e criativa...” que ela mesma relata. Essa lembrança afetiva movida pela a intuição demonstra desejo e inspiração, a partir do que se entende como objeto apreendido de tudo que é substancial da criança curiosa que a habita. A arte na sua autobiografia permite “um tal fazer que inventa [...]” (PAREYSON, 1997, p. 25) e ainda vemos que:

A arte é, portanto, um fazer em que o aspecto realizativo é particularmente intensificado, unido a um aspecto inventivo. [...] são as características da forma, que é, precisamente, exemplar na sua perfeição e singularíssima na sua originalidade. De modo que, pode dizer-se que a atividade artística consiste propriamente no ‘formar’, isto é, exatamente num executar, produzir e realizar, que é, ao mesmo tempo, inventar, figurar, descobrir”. (PAREYSON, 1997, p. 26).

É um se dar conta de que é preciso romper com a lógica instaurada do adulto e criar novas simbologias, recriando assim o que acontecia na época. E isso só é possível de se fazer pela corporificação de suas criações, fazendo uso da arte em si. São as memórias desse relato que passam a compor suas experiências dando sentido à sua própria existência. O “Era uma vez” nos faz escutar, imaginar lugares e personagens das mais diversas formas, sendo elas (orais, escritas, fictícias ou reais). É o imaginário se fazendo presente para elaborar um esquema narrativo, para com isso produzir, realizar, inventar e descobrir possibilidades.



Figura 03 - “Morte do avô”

Fonte: foto da página do livro produzido pela autora

No excerto 03 a seguir, tem-se a reprodução do texto apresentado na figura 03

A morte do meu avô... tinha 3 anos! Vô Santiago!

Excerto 03: Reprodução do texto que compõe a figura 03

A autora ao falar da morte do avô faz com que haja uma compreensão de que narrar a própria vivência deixa ampliada a escuta para o próprio leitor também. Ou seja, Todo narrador precisa de um leitor, de um interlocutor, pois “[...] Metade da arte narrativa está em comunicar uma história.” (BENJAMIN, 1987, p. 219). Só consegue narrar aquele que tem algo a dizer e contribuir para potencializar aquilo que se passa. O fato é que, quando narramos nossas experiências, o fazemos sempre para o outro escutar. E para que haja uma interpretação possível, a autora trouxe a morte do seu avô nesta narrativa, desenhando a cena para que pudéssemos ler, nos envolver e recortar um episódio que não poderia na visão dela ser excluído. A cor preta para delinear o desenho mostra, segundo Farina (1986, p. 98), uma correspondência pela busca de algo. Essa cor pode se associar à tristeza, ao temor, à negação, à melancolia e à renúncia. Há ainda o roxo que, para Farina (1986 p. 97), é uma cor que possui um forte poder de associação como o mistério, profundidade, grandeza, misticismo, espiritualidade, delicadeza e calma. Portanto, tanto uma cor quanto a outra funcionam não apenas como uma estrutura visual, mas também como uma estratégia poética para produzir um sentido que conota a emoção sentida pela autora a partir da experiência por ela vivenciada.

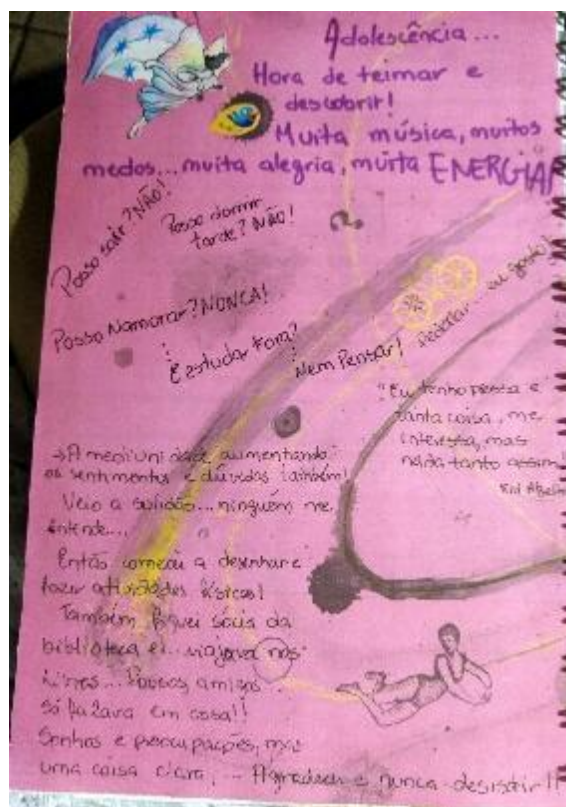


Figura 04 - “Adolescência”

Fonte: foto da página do livro produzido pela autora

No excerto 04 a seguir, tem-se a reprodução do texto apresentado na figura 04

Adolescência... Hora de tentar descobrir! Muita música, muitos medos... Muita alegria, muita energia!!!

Posso sair? Não Posso dormir tarde? Não! Posso namorar? Nunca! Estudar fora? Nem pensar!

Pedalar... Eu gosto!

"Eu tenho pressa e tanta coisa, me interessa, mas nada tanto assim." Kid Abelha

Mediunidade, aumentando os sentimentos e dúvidas também! Veio a solidão... Ninguém me entende... Então comecei a desenhar e fazer atividades físicas! Também fiquei sócia da biblioteca... Viajava nos livros... Poucos amigos... Só falava em casa!!! Sonhos e preocupações, mais uma coisa clara,... Agradecer e nunca desistir!

Excerto 04: Reprodução do texto que compõe a figura 04

Conseguimos ver que as concepções sobre a adolescência da autora influenciam no diálogo que ela própria se dispôs a relatar: “Posso sair? Não/ Posso dormir tarde? Não! /Posso namorar? Nunca!/ Estudar fora? Nem pensar!/ Pedalar... Eu gosto!”. Pelas perspectivas da época ela consegue rememorar a etapa da adolescência com muita propriedade. Segue o instinto a caminho daquilo que chama atenção. Seu foco é achar explicações para os seus pensamentos (internos) e para a sua linguagem (social). Sua subjetividade pede caminho para organizar a sua linha do tempo, a partir de uma significação precisa.

Sobre isso, Halbwachs (2006) afirma:

É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças e elas estão impregnadas das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências (HALBWACHS, 2006 p.43).

A escrita dessa narrativa vai, aos poucos, revelando ao sujeito uma dimensão de auto escuta, como se a autora estivesse contando para si própria as suas experiências e aprendizagens que contribuíram, ao longo de sua vida, para a construção de sua identidade. É através do conhecimento por si que a autora pede uma espécie de licença poética para utilizar uma letra de música na sua narrativa, que diz: "Eu tenho pressa e tanta coisa, me interessa, mas nada tanto assim. Kid Abelha.". Ao citar esse pedacinho da letra da música, ela sente-se autorizada a referenciar seu sentimento como uma forma de reconhecer diferentes modos de organização que inspiram sua escrita.

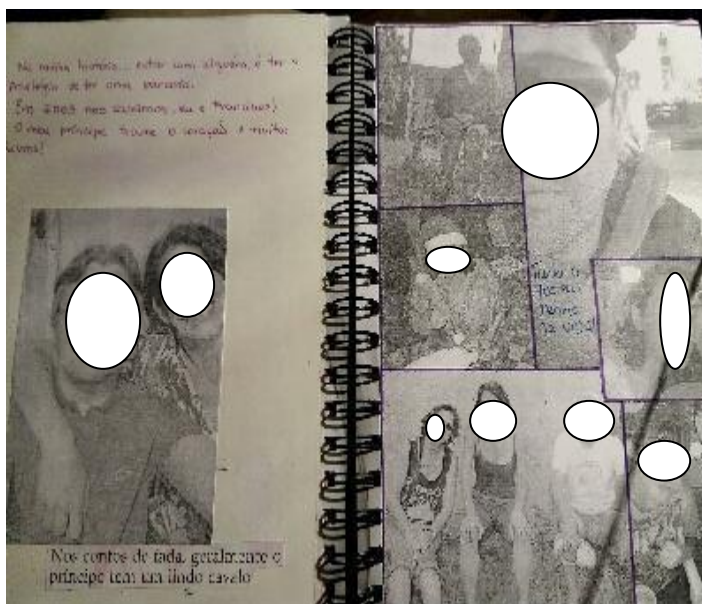


Figura 05 - “Tudo o que eu tenho na vida”

Fonte: foto da página do livro produzido pela autora

No excerto 05 a seguir, tem-se a reprodução do texto apresentado na figura 05

A minha história... Estar com alguém, é ter o privilégio de ter uma parceria. Em 2003 nos casamos, eu e Francisco! O meu príncipe trouxe o coração e muitos livros!

Nos contos de fada, geralmente príncipe tem um lindo cavalo.

Tudo que eu tenho na vida! (escrita da autora no meio das fotos)

Excerto 05: Reprodução do texto que compõe a figura 05

A utilização da fotografia como forma de narrativa faz com que nós leitores entendamos qual é o espaço e o tempo dessa fotografia. Pelas imagens, vemos que existe uma intencionalidade visível a outro olhar; que é a do leitor procurando por uma significação. A fotografia é utilizada como instrumento narrativo constituindo-se como uma extensão desse olhar. De acordo com Benjamin (2013), “A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo que nela é originalmente transmissível, desde sua duração material até o seu testemunho histórico”, (BENJAMIN, 2013, p. 55). A percepção dos fatos e a estética em si são reelaboradas por Benjamin a partir de uma filosofia da arte que traz em si o conceito da técnica da fotografia. Nesse caso, a autora privilegia a estética da imagem, para aos poucos ir permitindo uma repaginação talvez de toda história dentro da sua vida.

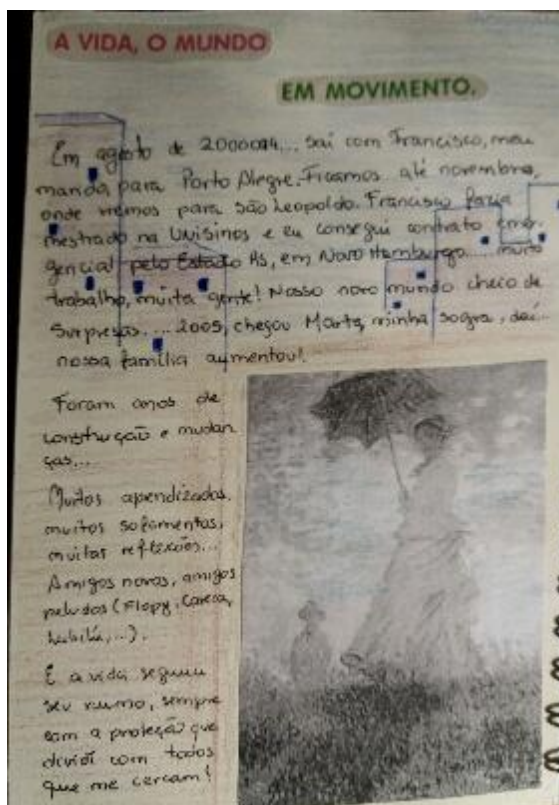


Figura 06 - “A vida, o mundo em movimento”
Fonte: foto da página do livro produzido pela autora

No excerto 06 a seguir, tem-se a reprodução do texto apresentado na figura 06

Em agosto de 2004... Saí com Francisco, meu marido, para Porto Alegre. Ficamos até Novembro, onde viemos para São Leopoldo. Francisco fazia mestrado na Unisinos e eu consegui contrato emergencial pelo Estado do Rio Grande do Sul, em Novo Hamburgo... Muito trabalho, muita gente! Nosso novo mundo cheio de surpresas... 2005, chegou. Marta, minha sogra, daí nossa família aumentou! Foram anos de construção e mudanças... Muitos aprendizados, muitos sofrimentos, muitas reflexões... Amigos novos, amigos peludos (Flopy, Careca, Lubilú, ...). E a vida seguiu seu rumo, sempre com a proteção que dividi com todos que me cercam!

Excerto 06: Reprodução do texto que compõe a figura 06

A partir do título escolhido pela autora para essa página: “A vida, o mundo em movimento”, podemos capturar um entendimento de que ela visualiza o movimento da sua vida como uma experiência. Ou seja, a vida gira e se repete infinitamente em todas as possíveis criações, em todos os seus ciclos, para cada vez mais conseguir aperfeiçoar-se. Benjamin (1974)

fala da forma como nos apropriamos das lembranças quando diz: “Quando articulamos o passado historicamente, não significa que estamos reconhecendo como ele de fato aconteceu. Significa somente apropriar-se de uma recordação como um lampejo de momento” (BENJAMIN, 1974, p. 695). Em outras palavras, podemos pensar que a imagem que vem à cabeça da autora possui uma função de fazer uma relação puramente temporal entre o passado e presente do ocorrido.

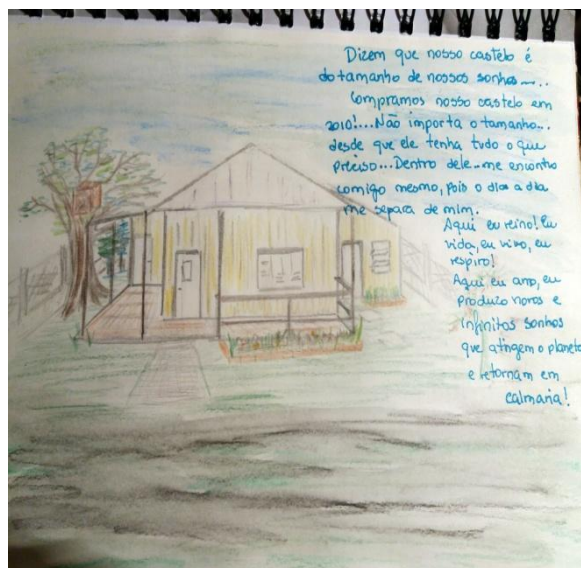


Figura 07 - “Castelo”

Fonte: foto da página do livro produzido pela autora

No excerto 07 a seguir, tem-se a reprodução do texto apresentado na figura 07

Dizem que nosso castelo é do tamanho dos nossos sonhos. Compramos nosso castelo em 2010! Não importa o tamanho... desde que ele tenha tudo que preciso... Dentro dele me encontro comigo mesmo, pois o dia a dia me separa de mim. Aqui eu reino! Eu vida, eu vivo, eu respiro! Aqui eu amo, eu produzo novos e infinitos sonhos que atingem o planeta e retornam em calmaria!

Excerto 07: Reprodução do texto que compõe a figura 07

Com uma linguagem informal, a autora remete a uma expressão do seu cotidiano e visualiza “o castelo” como a sua casa. Isso produz um impacto no texto pela força emotiva que tem e pela evocação que ela mesma faz. O castelo é uma metáfora que ela utiliza para o seu objetivo maior, quando se refere à compra da sua casa própria. Sabemos que a metáfora é um recurso linguístico que expressa a mudança do sentido real de uma palavra para um sentido

figurado. A casa desenhada floresce na frente e tem uma árvore ao lado. Para a autora, "a relação com esse espaço é de transformação", onde ela se sente muito bem.

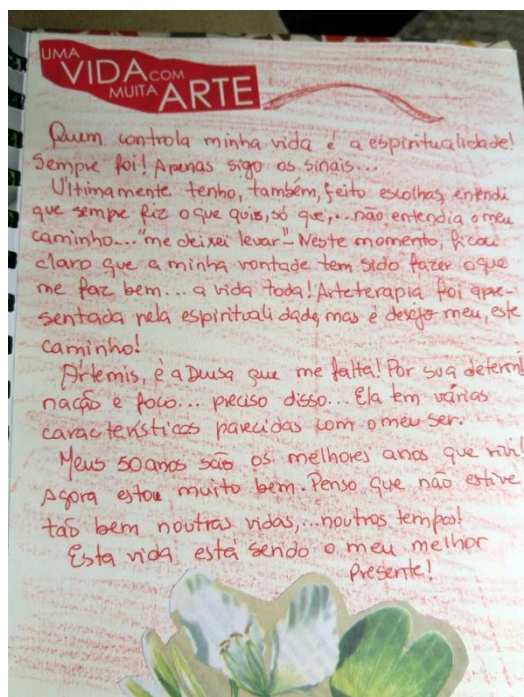


Figura 08 - “Uma vida com muita arte”
Fonte: foto da página do livro produzido pela autora

No excerto 08 a seguir, tem-se a reprodução do texto apresentado na figura 08

Uma vida com muita arte

Quem controla minha vida é a espiritualidade! Sempre foi! Apenas cinco sinais... Ultimamente tenho, também, feito escolhas, entendi que sempre fiz o que quis, só que... não entendia o meu caminho... "Me deixei levar" - Neste momento, ficou claro que a minha vontade tem sido fazer o que me faz bem... a vida toda! Arteterapia foi apresentada pela espiritualidade, mas é desejo meu, este caminho! Ártemis é a Deusa que me falta! Por sua determinação e foco... Preciso disso... Ela tem várias características parecidas com meu ser.

Meus 50 anos são os melhores anos que vivi! Agora estou muito bem. Penso que não estive tão bem noutras vidas, ... noutras tempos! Esta vida está sendo meu melhor presente!

Excerto 08: Reprodução do texto que compõe a figura 08

Nessa página, a autora faz uma relação da arte com a espiritualidade quando diz: “Uma vida com muita arte. A Arteterapia foi apresentada pela espiritualidade, mas é desejo meu, este caminho.” Essa sensibilidade permite que vejamos que a autora tem um olhar mais atento às conexões espirituais em sua vida. São reflexões sobre o desejo do que se quer das

relações humanas e da sua energia. São trocas fundamentais para um entendimento maior de como se relacionar com tudo isso diante do que ela mesma sente.

Segundo Cavalcanti (2000),

Na filosofia budista não existe a visão fragmentada entre o indivíduo e a espiritualidade. [...] o ser humano pode reencontrar a liberdade quando se une ao todo para transcender nos seus propósitos e enxergar a realidade de forma indivisível. Basta acreditar e confiar na sua intuição para chegar ao conhecimento verdadeiro. Cavalcanti (2000 p. 47)

Essa perspectiva é fundamental para evidenciar a busca pelos sentidos que são elaborados pela autora através do diálogo que ela produz na narrativa. É um itinerário que mostra um projeto da sua formação e o interesse pela espiritualidade. É a história pessoal e profissional envolvida pelo processo de busca em todos os sentidos. Nesse entrecruzamento, a autora encontra na Deusa Ártemis aquilo que é possível impulsionar e dar sentido para alcançar, compreender e significar sua vida. Bolem (1990), quando busca explicar o ponto de vista simbólico da deusa Ártemis, afirma que se trata de uma Deusa caçadora. Nesse sentido, consideramos a menção que a autora faz à Deusa, como uma forma de situar sua reflexão a respeito de suas vivências no presente e de suas ações no futuro.

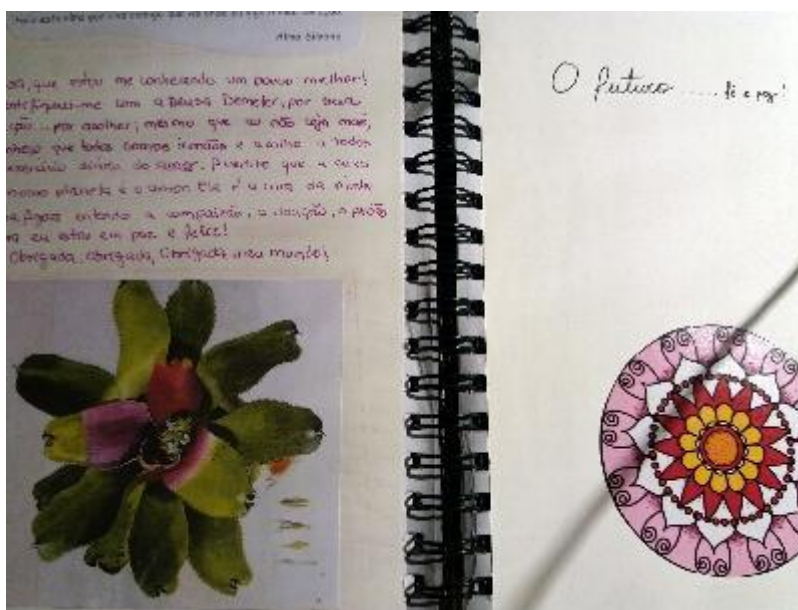


Figura 09 - “Deusa Deméter”

Fonte: foto da página do livro produzido pela autora

No excerto 09 a seguir, tem-se a reprodução do texto apresentado na figura 09

Fragmento da letra da musica "Alma"

A minha alma tem sido um Corpo Moreno circula nem sempre Sereno nem sempre explosão feliz essa alma que vive comigo que vai onde eu sigo o meu coração. Simone (cantora)

Agora que estou me conhecendo um pouco melhor! Identifiquei-me com a Deusa Deméter, por sua doação... Por acolher, mesmo que eu não seja Mãe, reconheço que todos somos irmãos e acolho a todos no exercício diário do amor. Acredito que a cura do nosso planeta é o amor. Ele é a cura da minha alma. Agora entendo a compaixão, a doação, o perdão. Agora eu estou em paz e feliz! Obrigada, Obrigada, Obrigada, meu mundo!

Excerto 09: Reprodução do texto que compõe a figura 09

Pelo fragmento da letra da música “Alma”, da cantora Simone, a autora se deixa influenciar e sinalizar um sentimento. É mais uma manifestação artística, influenciando sua vida para trazer uma identidade para o seu discurso. Pela narrativa da música “Alma”, vemos que ela amplia sua visibilidade para aquilo que desejava falar. Nessa mesma página, a autora faz uma referência à Deusa Deméter e se diz identificada com ela. Segundo Bolen (1990), essa é uma Deusa que rege as colheitas, os ciclos reprodutivos, que tem instinto para cuidar etc. Através da energia dessa Deusa, Bolen (1990) afirma que podemos aprender a ouvir, ter paciência e a contribuir para o crescimento do outro. Passamos a entender, desse modo, que se trata de um relato que atravessa um período de maior consciência, fase em que se quer curar, nutrir e reconectar-se com o seu ciclo interno.



Figura 10 - “Nova história”

Fonte: foto da página do livro produzido pela autora

No excerto 10 a seguir, tem-se a reprodução do texto apresentado na figura 10

Penso que todo dia, quando acordamos começamos uma nova história... Isso nunca acaba, Só melhora!

Excerto 10: Reprodução do texto que compõe a figura 10

A autora termina sua obra com a apresentação de uma imagem de flores de lótus. Essa flor caracteriza-se por sua resistência, pois ainda que esteja em um lugar parado e adverso, ela nasce de forma bela e imponente mantendo suas raízes no lodo, seu caule na água e suas pétalas abertas em direção ao céu. Portanto, isso nos dá indícios de que a autora tem uma direção e um desejo em sobreviver às situações difíceis. Com a Deusa Ártemis colocada no final da última página, como a Deusa que diz necessitar, entende-se que a sua busca é por coisas que sente precisar. Ela quer estar bem para mirar seus objetivos. Para isso, dá destaque ao arco e flecha, pois precisa trabalhar seu instinto para ter uma percepção mais afiada e ver o que há por detrás das coisas.

Nesse sentido, o conteúdo das imagens não se apresenta apenas como um elemento decorativo ou ilustrativo, mas sim como um recurso capaz de revelar indícios para a compreensão da sua própria história, os quais permitem que o leitor tenha uma ampliação dos fatos em si. Pela arte, a autora consegue criar possibilidades para uma reflexão crítica, que a própria imagem pode reascender. Assim, leitor e autor encontram espaço de interpretação da singularidade do que está posto. Nas palavras de Benjamin, “A arte tem a sua capacidade de marcar, com seu próprio ponto de vista, toda evolução artística posterior.” (BENJAMIN, 1987, p. 175). Com isso, o leitor fica possibilitado de reconhecer a aura “das coisas”, pois tudo o que é narrado, está inserido no tempo e no espaço, de forma a desfrutar do que é singular e significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidencia como a linguagem da obra se manifesta, primeiramente, como discurso, e, aos poucos, vai explorando um valor semântico das palavras, que, adquirem novos sentidos, tendo em vista os diferentes contextos.

As significações pela arte fazem surgir um novo significado. Nesse viés há textos e imagens que projetam um mundo de experiências sentidas e que se configuram pelas próprias figuras de existência. É um contato que se estabelece com o leitor no percurso da análise.

Nesse gesto analítico, é possível compreender que a linguagem da arte pode resgatar o próprio movimento de uma história de vida formatada, por meio de um processo poético de identificação.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. Trad. Gabriel Valladão Silva, revisão técnica Márcio SeligmannSilva, 2013.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense: 1987.
- BENJAMIN, W. **Ensaios reunidos**: escritos sobre Goethe. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2009
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- BOLEN, J. S. **As deusas e a mulher**. Tradução de Maria Lydia Remédio. São Paulo: Paulus, 1990.
- CAVALCANTI, R. **O retorno do Sagrado**. São Paulo: Cultrix, 2000
- FARINA, M. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgar Blücher, 1986
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.
- PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.